

A high-contrast, black and white silhouette of two hands clasped together, set against a bright, hazy background. The hands are positioned centrally, with fingers interlaced, symbolizing unity and support. The lighting creates a strong contrast between the dark hands and the light background.

\\ Reportagem

*“De mãos dadas
contra a
desigualdade”*

Ações afirmativas: IFRS destaca-se com iniciativas para reduzir desigualdades

Reportagem:

Carine Simas

A educação muda histórias de vida e, quando vem acompanhada por ações que buscam eliminar desigualdades e barreiras, pode ser ainda mais transformadora. No Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), as ações afirmativas são pauta de documentos institucionais, grupos de trabalho e, principalmente, do dia a dia. Política de cotas para ingresso, compreensão e apoio de demandas específicas por meio de núcleos que trabalham exclusivamente com ações afirmativas e diversos projetos que tratam do tema estão entre as iniciativas.

“O IFRS possui uma Política de Ações Afirmativas...”

e é referência na forma como se organiza institucionalmente, com uma Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade na Reitoria, e Núcleos em todos os campi. A assessora de Ações Inclusivas, Andrea Sonza, explica que o objetivo é tratar todos os estudantes com equidade e justiça

social, eliminando preconceitos, discriminações e barreiras. “É por meio das ações afirmativas que se resgata um passado de exclusão”, complementa.

A Política de Ações Afirmativas, aprovada no ano de 2014, apresenta diretrizes em relação ao acesso, à permanência e ao êxito dos estudantes nos cursos oferecidos pelo IFRS. São orientações voltadas prioritariamente para alunos pretos, pardos, indígenas, com necessidades educacionais específicas, em situação de vulnerabilidade socioeconômica e oriundos de escolas públicas.

Entre os principais avanços trazidos pelo documento, Andréa destaca as melhorias no ingresso de estudantes.

O Instituto oferece editais do processo seletivo acessíveis a pessoas com deficiência visual, físico-motoras e surdos (neste caso, filmados na Língua Brasileira de Sinais - Libras). Disponibiliza também condições especiais para alunos com deficiência ou outras necessidades educacionais específicas realizarem as provas, como fonte ampliada, provas em braille ou filmadas em Libras, tempo extra para a realização das questões, recursos de tecnologia assistiva de acordo com as necessidades dos candidatos, sala de fácil acesso, sala específica para determinados perfis de candidatos, ledores, dentre outras.

Relações Étnico-Raciais

Desde setembro de 2018, o IFRS conta com uma Assessoria de Relação Étnico-racial. O objetivo é fortalecer e articular ações e programas voltados à promoção de igualdade, inclusão e diversidade, voltados principalmente às culturas afro-brasileira e indígena. Em pauta, estão a promoção das ações afirmativas, a cultura da educação para a convivência, a defesa dos direitos humanos, o respeito às diferenças, a permanência e o êxito dos estudantes e da população negra e da comunidade indígena, a valorização da identidade étnico-racial e o combate ao racismo.

A assessora de relações étnico-raciais, Marlise Paz, explica que o trabalho vem sendo desenvolvido em parceria com os *campi* e núcleos. “Nestes meses iniciais, atuamos no III Workshop Diversidade e Inclusão, do IFRS, acompanhamos e participamos ativamente das ações do mês da consciência negra em 11 *campi*. Em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) de Canoas, a Pró-reitoria de Ensino (Proen) e a Diretoria de Assistência Estudantil estivemos presentes na Capacitação das Comissões de Heteroidentificação do IFRS, uma demanda bastante presente nos processos seletivos anteriores”, comenta.

Entre os planos para 2019, Marlise salienta a atuação para a permanência e o êxito dos estudantes negros e indígenas, juntamente com a Proen e a Diretoria de Assuntos Estudantis; o acompanhamento dos Núcleos de Ações Afirmativas e Neabis dos *campi* e atenção à aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que incluem no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Referência na Rede Federal

Outro destaque do IFRS quando o assunto é ações afirmativas é o Centro Tecnológico de Acessibilidade (CTA). Servidores e bolsistas do CTA trabalham na pesquisa e no desenvolvimento de diferentes tecnologias de baixo custo para auxiliar pessoas com necessidades específicas a terem mais autonomia em sua vida escolar ou nas atividades do dia a dia. “Muitas vezes, para que a inclusão aconteça de fato, o aluno com deficiência precisa de alguma adaptação ou de um recurso bastante específico para a sua necessidade. Isso lhe possibilita desenvolver suas atividades com autonomia”, explica a técnica em assuntos educacionais Bruna Poletto Salton, que atua no CTA.

Os profissionais do Centro também assessoram e orientam principalmente a comunidade acadêmica quanto ao desenvolvimento de ambientes e documentos digitais acessíveis e quanto à escolha e ao uso de recursos de tecnologia assistiva. Bruna frisa que o desenvolvimento da tecnologia assistiva (TA) depende de multidisciplinaridade e a equipe do CTA trabalha em conjunto com outros setores para garantir que os recursos atendam às necessidades do aluno da forma mais efetiva possível. “O trabalho com TA, em muitos casos, envolve pesquisa, prototipagem, testes, acompanhamento do uso, até chegarmos a produtos funcionais. Toda a documentação gerada a partir dessas atividades é divulgada por meio de publicações e no site do CTA. Assim, o que é desenvolvido aqui pode ser replicado em outras instituições”, complementa.

Como reconhecimento, o CTA foi convidado pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2017 para ser Centro de Referência em Tecnologia Assistiva (CRTA). Dessa forma, os materiais criados no IFRS serão disseminados para as instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT).

Por meio do projeto do CRTA, foram mapeadas demandas relacionadas ao uso e ao desenvolvimento de Tecnologia Assistiva (TA) junto às instituições da Rede, visando melhor atender estudantes

e servidores. Essas necessidades podem ser recursos, dispositivos ou materiais adaptados, práticas, serviços, dicas e informações relacionadas a TAs ou ainda materiais didático-pedagógicos adaptados. A partir do levantamento, os profissionais do CTA estão produzindo os materiais e elaborando atividades de capacitação. Para isso, o Centro recebe recursos financeiros do MEC e os materiais produzidos não terão custo para as instituições.

Assessora de Ações Inclusivas do IFRS e coordenadora do projeto CRTA, Andréa conta que os *campi* Porto Alegre, Restinga, Caxias do Sul e Rio Grande também foram envolvidos no desenvolvimento de Tecnologia Assistiva para atender ao CRTA: “Com um trabalho colaborativo, o CTA, por um lado, dissemina seu conhecimento em TA, acessibilidade e produção de materiais didáticos acessíveis e, por outro, os *campi* compartilham o que já desenvolvem e pesquisam na área de fabricação digital, materiais didático-adaptados e eletrônica. Dessa forma, a tecnologia assistiva atua como um importante catalizador de recursos e projetos compartilhados, além de fazer do IFRS uma referência nessa temática”, salienta.

Pela inclusão

Confira ações realizadas no IFRS para promover a inclusão:

- Sites de todas as unidades acessíveis;
- Produção de recursos e serviços de TA e acessibilidade aos estudantes;
- Desenvolvimento do Plano Educacional Individualizado e ações relacionadas às adaptações curriculares para estudantes com deficiência ou outras necessidades educacionais específicas;
- Proposta de certificação diferenciada para estudantes com necessidades específicas que necessitem dessa forma de certificação;
- **Ações afirmativas próprias de reserva de vagas:** 5% para pessoas com deficiência em todos os cursos do IFRS; uma vaga para negros, uma vaga para pessoas com deficiência e uma vaga para indígenas em todos os cursos de pós graduação *lato e stricto sensu* ([Resolução 30/15](#)).

Núcleos

Atuando ativamente nos *campi* e na Reitoria, atualmente o IFRS conta com os seguintes núcleos:

- 12 Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (Napnes)
- 12 Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e indígenas (Neabis)
- 12 Núcleos de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (Nepgs)
- 6 Núcleos de Ações Afirmativas (NAAfs)

Fomento para ações afirmativas

Visando fomentar e apoiar a execução de programas e projetos de extensão oriundos das ações afirmativas do IFRS, vem sendo lançado, desde 2017, o Edital do Programa de Apoio Institucional à Extensão – Ações Afirmativas, o Paix-Af. O edital é anual e nestes dois foram 26 ações contempladas.

\ CASES

Vivência na aldeia

Ser recepcionado com uma dança indígena, apreciar atividades esportivas desenvolvidas na aldeia, ter contato com comidas típicas e caminhar pelas terras da comunidade do Cantagalo Jata'ity. Essas são algumas vivências proporcionadas a quem participa da trilha de ecoturismo indígena Mbya Jeguatá. A iniciativa foi concretizada a partir de um projeto de extensão do *Campus Viamão* do IFRS, vinculado ao Núcleo de Ações Afirmativas, que existe desde 2017 e valoriza a cultura guarani, de forma a estimular mais reconhecimento e respeito da sociedade.

Com a identidade visual criada, foram elaborados materiais como banners, cartazes, folders, camisetas e bonés, visando divulgar a ação em escolas e outras entidades. As visitas são agendadas por grupos, mediante contribuição, o que assegura também um aporte financeiro para a comunidade.

Segundo o coordenador do projeto, Carlos Robério Garay Correa, a caminhada é um dos elementos culturais que mais identificam o modo de ser dos indígenas guaranis, pois eles viviam em grupos seminômades. Portanto, a Trilha Mbya Jeguatá “não é apenas um caminho, mas uma expressão da cultura, que demonstra como é o modo de ser guarani, esse povo pioneiro do Brasil”, complementa Robério, coordenador também do Núcleo de Ações Afirmativas do *Campus Viamão*.

📍 **Figura 1.** Recepção com música e dança indígena. **Fonte:** Participantes da Trilha Mbya Jeguatá vivenciam expressões da cultura guarani.





↑ **Figura 2.** Pintura indígena dos Guarani. Fonte: Participantes da Trilha Mbya Jequatá vivenciam expressões da cultura guarani.

O projeto vem aproximando cada vez mais o *campus* e os indígenas habitantes do município. Neste ano, há dois alunos indígenas e seis se inscreveram no Processo Seletivo de estudantes 2019/1. Os indígenas também participam de atividades culturais da unidade e cursos de extensão. Além disso, o inverso também ocorre: outros estudantes e servidores demonstram interesse em aprender sobre a cultura guarani e quatro turmas do *campus* realizaram a trilha em 2018.

O coordenador do projeto salienta que a inclusão faz parte da missão do IFRS: “Hoje os indígenas sabem que é um direito deles ter espaço na instituição. Temos a reserva de vagas para indígenas e estamos fazendo um debate de natureza qualitativa em relação a essa inclusão”, aponta. Robério conta que o difícil acesso às aldeias e a oferta precária de transporte coletivo acabam demandando um esforço adicional para os estudantes indígenas permanecerem estudando. Mas com a possibilidade de auxílio moradia, eles podem passar a semana na cidade e voltar para as comunidades no final de semana, só que essa mudança de ambiente acaba impactando. Por isso, o IFRS segue em diálogo com outras instituições e promove conversas internas que visam apontar possibilidades de eliminar cada vez mais barreiras para essa inclusão. ■

Contatos:

Os contatos para agendamentos de participação na Trilha Mbya Jequatá podem ser feitos pelos telefones **(51) 3108-8300** e **(51) 995.476.503** ou pelo e-mail vheraguyra@yahoo.com.br.



📌 **Figura 3.** Projeto Figueira Negra promoveu atividade de acolhimento na recepção dos alunos cotistas do Campus Alvorada no primeiro semestre de 2018. *Fonte: Campus Alvorada - IFRS.*

Empoderamento e combate ao racismo

Discutir a identidade e estimular o empoderamento dos negros são os principais objetivos do projeto de extensão Figueira Negra, realizado no *Campus Alvorada*. São promovidas atividades como oficinas, palestras e cine-debates para tratar da temática negra sob diferentes perspectivas, promovendo a conscientização e o combate ao racismo. Atualmente, os estudantes se envolvem bastante com o projeto, inclusive na organização das atividades.

“O resultado tem sido muito positivo, principalmente entre os alunos negros. O projeto é aberto a todos, mas entre os negros percebo o resultado do empoderamento, da autoaceitação, da identidade. E esse é um dos principais focos”, explica a professora Caroline de Castro Pires, coordenadora do projeto e do Núcleo de Ações Afirmativas do *campus*.

Caroline adianta que o Figueira Negra pode dar frutos em 2019, pois já estão sendo pensados projetos de ensino e de pesquisa envolvendo uma série de subtemas na questão da negritude, como o feminismo negro e o empoderamento de mulheres. ■

Transenem promove acolhimento e orientações à comunidade LGBTI

O Transenem começou como um curso popular preparatório para o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), no ano de 2016, dedicado especificamente ao público transgênero. No ano de 2017, foi vinculado ao *Campus Porto Alegre* como um programa de extensão e ampliou a atuação, visando proporcionar formação educacional e também acolhimento, encaminhamento e orientações para demandas da comunidade LGBTI (lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexual).

Com o trabalho de bolsistas e voluntários de diferentes áreas de formação e em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (Nepgs), são desenvolvidas ações de ensino, pesquisa e extensão que contribuem para o acesso a direitos fundamentais como nome social, oportunidades de trabalho, interação com a rede de atenção psicossocial e demais políticas públicas. O curso preparatório segue ocorrendo, incluindo preparação para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) e para os cursos de educação profissional ofertados no âmbito da rede federal, como os do IFRS.

Quando alguém procura o Transenem no *Campus* Porto Alegre, é atendido pelos bolsistas, que fazem uma acolhida, identificam as demandas e realizam os encaminhamentos. Além disso, são realizadas rodas de conversa, oficinas, seminários e minicursos, bem como produzidos vídeos e materiais impressos com informações sobre as políticas de inclusão (tais como o atendimento nos serviços públicos; os procedimentos necessários para a requisição da carteira de nome social; entre outras demandas mapeadas junto à comunidade atendida no programa).

Atualmente, há bolsistas e voluntários oriundos de diversas instituições de ensino superior, movimentos sociais e do IFRS, que passam por encontros de formação para fazer parte do programa. A gestão do grupo é colegiada, assim tudo é discutido em assembleia.

“Para nós, do *campus*, fazer parte do programa é uma oportunidade de muita aprendizagem. Aprendemos a lidar com a diferença e aprendemos com as experiências de vida das pessoas. Percebemos o quanto as questões de gênero acabam excluindo, segregando e potencializando diferentes formas de violência, e como é importante trabalhar isso. Nosso grande desafio é resgatar o lado humano, e cada pessoa que conseguimos ajudar a ter uma perspectiva de vida é uma vitória”, declara a professora Liliane Madruga Prestes, uma das coordenadoras institucionais do programa.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela comunidade trans (como a falta de recursos para comparecer às aulas do curso preparatório), alguns estudantes ingressaram no ensino técnico e superior e retornaram ao mundo do trabalho. ■

Para entender e respeitar

Transgeneridade (trans significa “além de”, “através de”) - atualmente é um termo utilizado para designar pessoas que têm em comum a não identificação com comportamentos ou lugares esperados devido à designação de sexo e gênero atribuídas a estas pessoas ao nascerem. Este termo engloba transexualidade e não-binaridade, entre outros. Transexualidade designa o indivíduo que, devido à sua genitália, foi considerado mulher ou homem, e, a partir desta compreensão, socializado como tal. Contudo, este indivíduo não se percebe como pertencente ao gênero designado no seu nascimento e reiterado em sua vida; ele se percebe como pertencente ao outro gênero - isto em uma perspectiva que trabalha com a existência de apenas dois gêneros, no caso, feminino e masculino. Não-binaridade, de outra forma, designa indivíduos que estão em constante trânsito entre um gênero e outro.

Fontes: Liliane Madruga Prestes e Eloisa Solyszko Gomes (coordenadoras institucionais do Transenem); Claudia Penalvo e Cintia Itaquí (coordenada pedagógica do coletivo de colaboradoras/es voluntárias/os); Alicia Rodriguez (bolsista); Natalia Esnola e Andreia Esteves (estudantes do IFRS integrantes do Nepegs e Coletivo Transenem).